

## PARTE 3 de 3



Flávio Amaral é graduado em Economia, mestre em Administração de Empresas, profissional do setor financeiro. É atualmente estudioso e professor de Parapsicologia, e também autor do site [www.autopesquisas.com](http://www.autopesquisas.com) que conta com diversos vídeos, artigos, livros e do grupo "O que penso da Conscienciologia" do Facebook, cujo endereço é:

<https://www.facebook.com/groups/conscienciologialivre>

Com relação à Conscienciologia (ou Projeciologia), concebida pelo Dr. Waldo Vieira, Flávio foi voluntário, professor, fundador e administrador de instituições conscienciológicas, no período de 1999 a 2012.

Autor dos livros *Inversão Existencial* (Editares, 2011, em coautoria), *Teáticas da Invexologia* (edição pessoal, 2012) e *O que penso da Conscienciologia* (e-book). Seu e-mail para contato é [famaral@inbox.com](mailto:famaral@inbox.com).

**Alexei** - Qual sua opinião sobre a espiritualidade, ou seja, sobre as correntes espiritualistas com relação não sob o ponto de vista religioso, mas sim filosófico, tais como Budismo, Teosofia e Espiritismo? Sua visão neste aspecto alterou após sua saída dos grupos conscienciólogos?

**Flávio** – Alterou muito. Antigamente eu as rotulava de “religião”. Colocava também a Parapsicologia no conceito de “ciência convencional”. E assim, sobrava só a Conscienciologia, como representante do que interessava. Um ano depois da minha saída, quando comecei a reler meus próprios artigos e livros, percebi que aquele discurso já não fazia qualquer sentido. Foi um ano em que me dediquei a assuntos “não espiritualistas”, por exemplo a Informática. Mas só de ficar fora daquele ambiente, aquelas ideias carregadas foram se dissipando. Me aproximei de áreas da Filosofia, Psicologia e da própria Parapsicologia. Retomei o gosto pelas Artes. Aí fui percebendo como eu ignorava um amplo universo de conhecimento. Eu estava literalmente “formatado” pela Conscienciologia.



Passei a não ter afeição especial por correntes de pensamento. Os campos de conhecimento são de domínio público, então depende de cada autor fazer um trabalho de boa ou má qualidade naquele campo. Então eu sou mais de buscar

autores de boa qualidade do que me afeiçoar por alguma linha. Gosto muito da Parapsicologia, mas prefiro um texto bem escrito por um materialista ou por um behaviorista do que um texto ruim escrito por um parapsicólogo, e vice-versa. Não me considero um “pesquisador”, um profissional de alguma especialidade. O que eu faço é buscar compreender os problemas que surgem na minha vida, então vou estudar para buscar resolvê-los, onde quer que seja.

Acho que as espiritualidades se preocupam em tentar explicar coisas, e neste ponto acabam colocando o carro à frente dos bois. É mais ou menos o que observo acontecer com a Conscienciologia também. Tentam fazer o trabalho dos cientistas que eles tanto criticam. O melhor que as espiritualidades nos oferecem não está no campo explicativo, mas no campo terapêutico e artístico. E são campos que dispensam explicações. Uma cura se justifica por ela própria. Se o resultado é consistente, não importa se foi “espírito”, “placebo”, “sugestão” etc. Uma pintura mediúnica, romance ou carta psicografada, idem. Os espiritualistas bem-sucedidos são os que apresentam bom resultados, e não boas explicações. De vez em quando tento aplicar em meus amigos alguma técnica de regressão a vida passada ou experiência fora do corpo. Não me importa se o cara saiu do corpo, se lembrou de outra vida, ou se aquilo é um fenômeno mental apenas. O que me importa é se consegui promover uma experiência que foi enriquecedora para a pessoa.

**Alexei** - Quais lições boas e ruins você assimilou, tomando por base sua produtiva participação nos grupos Conscienciológicos e também após rever atualmente os fatos ocorridos?

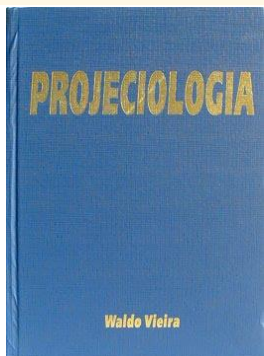
**Flávio** – São 15 anos de lições boas e ruins. Conforme cada momento umas me marcaram mais do que outras. Algo que me marca muito atualmente eu li algum tempo depois de sair de Foz do Iguaçu, quando tentava compreender o que havia acontecido. É uma frase de Jeannie Mills, ex-discípula e sobrevivente de Jim Jones, líder do People’s Temple. Ela disse:

“Quando você encontrar as pessoas mais amigáveis que já conheceu, que lhe apresentem para o grupo mais afetuoso que você já encontrou, e achar o líder a pessoa mais inspiradora, cuidadosa, amorosa e compreensiva que já viu, e então descobrir que a causa do grupo é algo que você nunca ousou imaginar poder ser alcançada, e tudo isso parecer bom demais para ser verdade, provavelmente é bom demais para ser verdade! Não abandone sua educação, seus desejos e ambições, para seguir um arco-íris.”



**Alexei** - Em sua opinião você acredita ser a Projeciologia uma proposta válida para uma nova ciência nos estudos relacionados com as projeções da consciência?

**Flávio** – Para estudar e pesquisar a experiência fora do corpo nunca foi necessária a Projeciologia. Há diversos métodos e técnicas de pesquisa amplamente conhecidos e que já são utilizados para pesquisar o assunto, a exemplo de estudos com amostras populacionais, estudos em laboratório, estudos de caso, ensaios filosóficos, levantamentos bibliográficos e mesmo os relatos pessoais em primeira



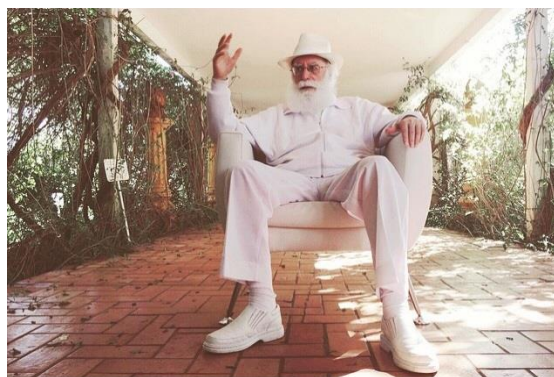
pessoa. A Projeciologia é basicamente uma estratégia publicitária que procura convencer as pessoas de que fora dela não existem trabalhos relevantes feitos sobre a EFC. Livros novos sobre Viagem Astral no Brasil acabam usando as palavras novas de Vieira, fazendo pensar que são “descobertas” ou “novos achados” de pesquisa, quando na verdade são palavras novas aplicadas a conceitos espiritualistas antigos, os quais Vieira não faz questão nenhuma de citar, para permanecer como o centro

dos holofotes.

Nesses exatos 30 anos de Projeciologia (1986-2015), devido ao seu isolamento, ela não conseguiu contribuir com pesquisas externas sobre o assunto, nem soube aproveitar as contribuições de outras áreas. Repito: para estudar a EFC, não precisamos das palavras novas projeciológicas. Basta ter alguma pergunta ou dúvida e buscar meios para resolvê-la. São os passos básicos de qualquer trabalho científico ou indagação filosófica. O resto não é pesquisa mas divulgação e publicidade.

**Alexei** - Gostaria de saber com relação a sua vivência no CEAEC (Centro de Altos Estudos da Conscienciologia), de certa forma próxima a Waldo Vieira, qual seria sua impressão e opinião do propositor da Conscienciologia (e Projeciologia). Waldo seria uma pessoa de grande evolução no aspecto digamos de paranormalidade ou espiritual? Ou apenas um médium estudioso?

**Flávio** – Não o coloco num patamar “evoluído”, no sentido ético. Presenciei alguns fenômenos dele que não sei como explicar a não ser pela telepatia ou cura à distância, entre outros. Nada muito “hollywoodiano” mas que me causaram uma forte impressão de ser uma pessoa com alguma paranormalidade. Ele é um leitor voraz e, com isso, tem bastante cultura geral e sempre consegue trazer ideias inspiradoras. Quando você tem cultura geral é mais fácil seduzir os outros. Waldo utiliza isso com maestria. Ele pode falar sobre Biologia ou Política, por exemplo. Não



o suficiente para impressionar um biólogo ou um cientista político, mas para captar

a atenção de um novato no assunto, que pode achar fantástico aquele homem de barba branca que sabe de tudo.

Muitos jovens, no período natural de contestação familiar, acabam se afeiçoando a ele em substituição à antiga figura paterna. Mas Vieira não consegue estabelecer relação de pé de igualdade com as pessoas. Intelectualmente, por exemplo, ele evita mencionar os autores de onde ele tira suas ideias. Assim, permanece no centro dos holofotes. Para se relacionar com Vieira, você precisa estar a serviço dele. Precisa ser uma relação onde você precisa dele mas ele não precisa de você. E para falar de sua paranormalidade, bem, basta lembrar que em Maio ele informou a todos que 40 espíritos ultra-avançados o haviam procurado para dar diretrizes sobre seus próximos 7 livros mas, 1 mês depois, ele decide fazer uma cirurgia cardíaca invasiva, de caráter não-urgente, em pleno inverno de Foz do Iguaçu, falecendo devido a complicações no pós-operatório. São coisas que não batem, sabe?

**Alexei** - Atualmente como dissidente como você imagina que seja visto pelos grupos de Conscienciólogos? Fariam eles uma imagem de alguém que foi ou está digamos "obsedado", ou mesmo como o próprio Waldo disse na Tertúlia citada na segunda entrevista como alguém com personalidade "psicopática"? Como alguém destinado ao "umbral" ou como eles denominam "baratrosfera"? Ou apenas no sentido de não estar digamos "preparado" aos conhecimentos que no ponto de vista deles seriam o que há de melhor?



**Flávio** – Quando você sai (seja expulso ou por vontade própria) da comunidade conscienciológica, igual ao que ocorre com as Testemunhas de Jeová, Gnose, Cientologia, Opus Dei entre outras, você se torna uma “não-pessoa”. E cada indivíduo irá buscar a explicação que lhe convier. Se perguntar na comunidade conscienciológica, cada um irá lhe responder uma

coisa diferente, inclusive estas possibilidades que você mesmo citou. Um termos que eles gostam de usar é “ressentido”. É como se eu te desse um soco na cara e agora você não pode me criticar por isso pois você está “ressentido”.

Uma coisa é certa: as respostas são curtas, prontas, com pouca elaboração. Eles se apegarão à primeira frase que fizer sentido, para não pensarem muito e correrem o risco de cair em alguma contradição. Pois é muito duro para alguém que mudou toda a sua vida em nome de uma causa conscientizar-se de que o grupo tem incoerências desse tipo, ou de que o grupo possa não ser o melhor caminho a seguir.

Vou usar uma comparação drástica e espero que as pessoas não se sintam ofendidas com ela. Não é um juízo moral, mas uma analogia apenas. É parecido com tentar conversar com a pessoa viciada em algum narcótico e deslumbrada com seus “novos amigos” de vício. Para essa pessoa, os não viciados, os de fora, representam algo ruim. Ele vai chamar de chatos, caretas, hipócritas, qualquer coisa. Não importa, são meras frases prontas para dispensar o que for externo e diferente. Se você começar a fazer muitas perguntas para ele, ele se tornará agressivo. Toda família nota isso, tanto em um filho que entrou para a droga como em um filho que entrou para um grupo manipulador.

Essa agressão é uma reação de impaciência, pois a pessoa está cheia de incoerências e cada pergunta deixa ela exposta a dissonâncias cognitivas. Em contrapartida, os novos companheiros, que ele mal conhecia, agora se tornaram os melhores amigos. Simplesmente pois todos protegem uns aos outros em torno desse interesse comum, que é um interesse monopolizador e altamente indutor de dependência – a droga. Se um dia este viciado resolver largar o vício, aqueles “melhores amigos” irão esquecer dele, pressioná-lo ou até estigmatizá-lo e odiá-lo.

**Esta foi a última parte da entrevista com Flávio Amaral.**

**Fonte das imagens:**

<http://coloradoteus.blogspot.com.br/2015/10/espiritualidade-e-dinheiro.html>

<http://acyrillo.blogspot.com.br/>

<http://kakaos.com.br/r-i-p-waldo-vieira/>

<http://www.fmanha.com.br>

<http://eventoschave.blogspot.com.br/>